

Entrevista - Docência e letramento acadêmico: o Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) do Colégio Técnico de Floriano – Piauí

Entrevistado - Professor José Ribamar Lopes Batista Júnior: Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE). Professor do ensino básico, técnico e tecnológico da Universidade Federal do Piauí (UFPI), fundador e coordenador do Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) do Colégio Técnico de Floriano (CTF/UFPI).

Entrevista concedida à Prof^a Jacyra Antunes Parreira: Mestre em História Social do Trabalho pela Universidade de Vassouras - USS - RJ (2003). Graduada em História pelo Centro Universitário de Formiga - UNIFOR (1996). É professora assistente IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Império, História da África e Ensino de História. Foi chefe de Departamento e Coordenadora do Curso de História da PUC Minas - Coração Eucarístico (2017-2022). Atua como Membro do Colegiado do Curso de História da PUC Minas (2022-) e coordena o Curso de especialização em Ensino de História IEC PUC Minas (2022-). Atuou como coordenadora da área de História do PIBID.

Lepppai: Professor José Ribamar, obrigada por aceitar nosso convite para esta entrevista. Antes de começarmos, você poderia se apresentar com suas próprias palavras e falar sobre os motivos que o levaram a se tornar um professor?

Professor Ribamar: Olá pessoal, eu sou o professor José Ribamar Lopes Batista Júnior, ou apenas Ribas; eu sou doutor em Linguística pela Universidade de Brasília, fiz minha graduação em Letras: Português, na Universidade Federal do Piauí; atualmente sou professor de Ensino Médio na área de Língua Portuguesa no Colégio Técnico Floriano, uma escola vinculada à Universidade Federal do Piauí, onde também coordeno o Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT). Fora da academia eu sou apaixonado por vôlei, amo viajar, tenho duas tatuagens e não dispenso uma boa taça de vinho.

Escolher a docência não foi um processo natural. Quando eu estava no segundo ano do Ensino Médio, eu pensava em fazer o curso de Direito, mas eu tive um professor de Literatura que foi uma grande referência para mim na época, que me fez escolher o curso de Letras. E confesso que no início não foi uma boa experiência, não foi bem aceito dentro da minha família e, quando eu passei no vestibular e entrei no curso de Letras, eu não tinha muito interesse em fazer todas as disciplinas, porque naquela época eu estava também fazendo cursinho para tentar novamente o curso de Direito. Mas, no curso de Letras, eu tive uma professora de Teoria da Literatura que me fez gostar do curso de Letras, e aí eu fui me envolvendo e acabei, então, concluindo o curso; tive minhas primeiras experiências como professor, e isso foi o que me levou para a educação. Então hoje eu me identifico, gosto de dizer que orgulhosamente eu sou professor, e me sinto uma pessoa que busca estabelecer pontes para que os alunos possam crescer, se desenvolver nas habilidades de leitura e escrita e, conseqüentemente, alçar novos voos. Então, esses foram os motivos que me fizeram escolher a docência.

Lepppai: Já atuou em outras modalidades de ensino que não o Ensino Médio?

Professor Ribamar: No início da minha carreira, eu atuava no Ensino Fundamental, especificamente na 5ª série, hoje o sexto ano do Ensino Médio. Naquele mesmo ano em que eu comecei a trabalhar, 2002, eu tive a oportunidade de atuar na graduação nos cursos que a Universidade Estadual do Piauí ofertava no período de férias para professores nos mais diversos municípios do estado do Piauí, do Maranhão, de Tocantins, e da Bahia, se não tiver enganado. Então essa foi a minha primeira experiência na Graduação. Hoje eu atuo só no Ensino Médio mas também estou atuando na pós-graduação, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, e posso dizer que já atuei em quase todas as modalidades, exceto a Educação Infantil. Também já tive alguma experiência na Educação de Jovens e Adultos; também já fui professor de especialização, com orientação de TCC.

Lepppai: Como professor do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, quais experiências significativas presenciou no campo da educação e qual delas considera mais marcante para o seu trabalho?

Professor Ribamar: Atuando na educação profissional e tecnológica ou no Ensino Básico Técnico e Tecnológico, acabamos tendo várias experiências que nos marcam de forma positiva

ou não. Então o fato de hoje eu estar no Ensino Médio e perceber uma evolução das habilidades dos alunos em relação à leitura e à escrita, quando eles ingressam no primeiro ano do Ensino Médio e saem no terceiro ano, eu acho que já é uma prática bastante significativa, fruto do trabalho que vamos desenvolvendo, claro, com os outros professores aqui no Colégio Técnico de Floriano. Mas as experiências que mais me marcam, do ponto de vista da educação, eu acho que são as experiências com os alunos que atuam na iniciação científica. Eles têm a oportunidade, como bolsistas, de entender um pouco do que é a pesquisa no contexto da educação básica, trazendo essa experiência muito comum no ensino superior, para que eles entendam o que é pesquisar, fazer um relatório e como lidar com esses gêneros. Então me marca muito quando os alunos têm a oportunidade de participar de eventos acadêmicos fora do estado do Piauí, e as pessoas se surpreenderem com toda desenvoltura, oralidade e escrita dos textos quando eles estão nesses eventos, pois já aconteceu inclusive de eles serem premiados em eventos acadêmicos. Uma terceira experiência que me marcou muito – às vezes não percebemos determinados sinais – foi de um aluno que já chegou do Ensino Médio tarde e, num debate em uma turma de terceiro ano sobre trabalho para menores de idade, entre 12 e 14 anos para ajudar no sustento da família, em que a turma era unânime em ser contra, ele resolveu levantar a mão e explicar que ele passou dois anos sem estudar, porque o pai sofreu um grande acidente e, conseqüentemente, como a mãe não trabalhava e era dona de casa, ele vestia a farda todo dia, fingia – e acho que a mãe também pela própria condição –, e nesse processo, no meio do caminho ele desviava para ir para a roça. Então ele passou dois anos sendo provedor, no sentido de trazer para casa comida, e dinheiro. E isso me deu um grande arrependimento, pois ele já estava no terceiro ano do Ensino Médio e eu poderia, como professor, ter dado outras oportunidades e, conseqüentemente, também ele seria até bolsista. Mas isso me fez abrir os olhos em relação a perceber mais os sinais, em relação aos nossos alunos. Uma outra experiência marcante foi a primeira vez que eu levei um bolsista, em 2013, para participar de um evento que, naquele tempo, não contemplava os estudantes do Ensino Médio. Uma das pessoas que estavam na organização, que é a Karla Vidal, disse que saber que tinha um aluno do Ensino Médio de certa forma desestabilizou a comissão, porque eles não haviam pensado nessa questão da pesquisa na educação básica. Mas o que marca como professor é quando fazemos uma ação, e pelo menos um aluno entende que aquilo é importante para contribuir na sua formação; acho que isso para mim é o mais significativo nesse processo.

Lepppai: Em relação ao Novo Ensino Médio, qual a sua avaliação?

Professor Ribamar: Desde 2022 está em vigor uma lei, implementada por Medida Provisória, que é o Novo Ensino Médio. Eu sou totalmente contra; esperaria que o Novo Ensino Médio, como ele foi implementado, que ele já fosse revogado no primeiro ano do atual governo, mas infelizmente isso não aconteceu, porque é um *lobby* gigantesco, no meu entendimento, de muitas fundações empresariais voltadas para a educação que têm interesse nesse Novo Ensino Médio. Então eu entendo que a nova composição do ensino médio não favorece o processo de ensino e aprendizagem que um aluno que está no Ensino Médio precisa ter: uma formação mais completa, concisa, consistente, ampla, inclusiva, que possibilite promover uma educação crítica e participativa dos jovens. Então, quando se reduz a carga horária da formação básica, que são as disciplinas propedêuticas que nós conhecemos – português, matemática, química, filosofia e tudo mais – de 2400 horas para 1800 horas, 600 horas fazem muita diferença nessa formação global que o aluno precisa ter. Então seria muito importante que o Novo Ensino Médio fosse revogado, para que se repensasse uma educação, porque sabemos que o Ensino Médio precisa de uma reformulação, de estratégias para que o aluno não desista, porque muitos deixam de estudar por questões de vulnerabilidade, emprego, até de sobrevivência, então as escolas precisam garantir que esse aluno possa estudar, e que isso não implique mais demandas que o façam sair da escola. Então nesse sentido o Novo Ensino Médio leva o aluno para uma formação profissional apenas, e que ela é importante, pois os cursos técnicos são importantíssimos, e aqui no contexto de Florianópolis é muito importante ver o quanto os cursos técnicos possibilitam mudanças na família desses alunos que são aqui da cidade ou da grande região. Mas o aluno também pode ter o direito de querer ingressar no Ensino Superior, fazer qualquer curso e exercer a profissão que ele desejar. Então, como ele vai fazer isso, se o Ensino Médio tira dele horas que não possibilitam ter o conhecimento de todas as disciplinas de uma maneira mais ampla, mais detalhada, porque diminui a carga horária? Assim, o Novo Ensino Médio compromete essa formação que se espera, que está nos Documentos, dessa formação global, cidadã, inclusiva, participativa do jovem do Ensino Médio.

Lepppai: Você poderia nos contar a história de como o Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual (LPT/CNPq) do Colégio Técnico de Florianópolis (CTF/UFPI) foi concebido e como ele se desenvolve?

Professor Ribamar: O LPT surgiu a partir de uma garrafa *pet*. Em 2010, eu levei para a sala de aula uma garrafa *pet* verde, dessas de refrigerante, e perguntei aos alunos o que eles poderiam fazer com aquela garrafa. Eles começaram a apontar vários objetos que poderiam ser produzidos: vassouras, bancos, sistema de hidroponia. Então eu pedi, naquela época, que eles criassem tutoriais (que não tinha esse nome na época) vídeos, explicando para as pessoas como eles poderiam construir os materiais que eles estavam sugerindo. Então eles tinham que mostrar os objetos que seriam necessários (quantas garrafas, tesoura, barbante, cola, etc.) e em seguida fazer um roteiro do passo a passo, orientando como as pessoas deveriam fazer os objetos que eles estavam indicando. E aí eles tinham que gravar; e é importante lembrar que naquela época, há 14 anos, as tecnologias, as ferramentas, os aplicativos não eram tão sofisticados como são hoje. E eles fizeram trabalhos espetaculares, vídeos incríveis, mesmo com todas as limitações de tecnologia. Eu até tenho esses vídeos hoje. Então eu entendi que quando pensamos num projeto de ensino, um projeto didático, um projeto de letramento, temos que orientar o aluno sobre o porquê que aquilo é importante. E eu entendi que a pedagogia do projeto funcionaria aqui no contexto em que eu estou. Então eu comecei a desenvolver projetos a partir da minha observação dos movimentos dos alunos. Em seguida, por exemplo, eu percebia muitos alunos lendo, ou ouvindo música no fone de ouvido, e eu perguntava o que eles estavam fazendo, e eles respondiam: “tô ouvindo uma música tal”, “tô assistindo um vídeo”, “tô lendo”. Nessa época também usava o ônibus da escola para me deslocar para vir trabalhar e voltar para casa. Por mais que esteja errado, eu via os alunos com livros na mão e lendo. Então eu trouxe essa coisa de livros e filmes para a sala de aula por meio de um projeto chamado “Pipoca Cultural”. Então, a partir das minhas observações, eu fui criando os projetos, e foi nesse processo que o laboratório foi se formatando.

A partir dos projetos que eu desenvolvia e sala de aula, foi compondo o que é, hoje, o “Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa, em Leitura e Produção Textual”, que inclusive conta com o apoio do CNPq, no financiamento de projetos de pesquisa. Então, é dessa maneira que o LPT foi concebido. E eu fiquei de 2010 a 2013 com o laboratório funcionando apenas de forma virtual, eu criei um site para então começar a compartilhar todas as ações que eu ia fazendo com meus alunos. Nesse meio também, foi surgindo o processo de ofertar disciplinas. Então eu fui convidando amigos, professores, pessoas que atuam nos mais diversos campos, para realizar oficinas, para complementar as ações curriculares das salas de aula. Nessa época, eu não tinha um espaço como eu tenho hoje, mas eu tinha uma salinha que eu dividia com a coordenadora do Técnico em agropecuária. Quando ela recebeu a sala, ela me convidou

para dividir a sala com ela, tinha um armário, e eu comecei a trazer os meus livros de literatura infanto-juvenil que eu tinha em casa. Assim foi se construindo a biblioteca, mas ainda não era possível emprestar. Quando foi em 2013, eu então pedi ao diretor da época uma sala e fiz toda uma argumentação para que mostrasse a ele a importância de ter um espaço em que pudéssemos fomentar práticas de leitura e escrita, mas principalmente de leitura. Um espaço em que os alunos pudessem ter acesso a uma biblioteca com livros da literatura infanto-juvenil, para que eles pudessem ler para aprimorar suas práticas. Até que eu consegui receber uma sala, e confesso que, na época tinha 50 carteiras e eu não podia tirar aquelas carteiras, mas eu fui tirando aos poucos, confesso aqui. A cada tempo eu ia tirando, até ficar sem carteira na sala. E aí eu fui só usando mesa, cadeira, armário, estante, para poder colocar os materiais que eu tinha guardado na sala que eu dividia com a coordenadora de Agropecuária. Então foi assim que o laboratório foi se desenvolvendo. Os projetos didáticos que eram aplicados à minha disciplina de Língua Portuguesa na sala de aula foi se ampliando, hoje nós temos dois projetos por série. Em 2010 também foi o primeiro ano que a UFPI lançou num edital de iniciação científica, e eu já comecei a participar e passei a ter bolsistas e, claro, o espaço para nós podermos nos reunir e conversar era muito importante, e não tinha na época. Mas a partir de 2013, ou seja, depois de três anos com o espaço, eu consegui então criar uma estrutura mínima que pudesse atender os alunos, e principalmente os bolsistas de iniciação científica e de extensão. E assim, as ações foram se ampliando, vieram muitos outros projetos. Começamos a realizar um grande evento que é a “Jornada Acadêmica”, que vai possibilitando essa ampliação e esse conhecimento do Laboratório. E vamos vendo que todas essas ações, elas vão fazendo com que o Laboratório se consolide como esse grande espaço.

Lepppai: Ainda sobre o Laboratório Experimental de Ensino e Pesquisa em Leitura e Produção Textual: como mensurar os resultados do seu trabalho? Ele poderia ser replicado em outras IES?

Professor Ribamar: Desde 2018 para cá, por exemplo, nós temos um projeto: o LPT acadêmico, que é nossa pegada voltada para a escrita acadêmica, metodologia científica, letramentos acadêmicos etc. Então, a cada ano fomos ampliando as nossas frentes de atuação, para hoje ter o que é o LPT. E, agora, a última ação desde 2022, nós temos o projeto LPT docente, que é uma pegada voltada para a formação de professores de Língua Portuguesa. Então, hoje, o LPT (o laboratório) atua no ensino com os projetos didáticos nas aulas de Língua

Portuguesa para os estudantes do Ensino Médio. Atuamos na pesquisa de iniciação científica na graduação e no Ensino Médio principalmente, e temos a extensão com a oferta de cursos e realização de eventos. O laboratório também tem o núcleo de pesquisa, que é o NECRIL (Núcleo de Pesquisa em Estudos Críticos e Linguagem). Então, tudo isso compõe hoje o que é chamado de LPT.